
VIOLÊNCIA: ÚNICA OPÇÃO? UM BISPO BRASILEIRO SE INTERROGA

Dom Helder Câmara

Resumo: O presente texto, proferido por Dom Helder Câmara em uma palestra ocorrida em Paris, em 1968, abordou as problemáticas envolvidas na aplicação da violência ao redor do mundo. Para tanto, Dom Helder discorreu sobre os diferentes conceitos e aplicações da violência. Analisou como estas situações foram postas em sistemas políticos e econômicos antagônicos, como o capitalismo e o comunismo. Tratou também de apresentar as conseqüências da violência no interior de cada modelo social, sugerindo alternativas para a solução destas questões.

Palavras-chave: violência – direitos humanos – Brasil.

VIOLENCIA : ¿ÚNICA OPCIÓN? UN OBISPO BRASILEÑO SE PREGUNTA

Resumen: *El presente texto fue proferido por Don Helder Camara, en una conferencia ocurrida en Paris en 1968, en ella trató los problemas envueltos en la aplicación de la violencia alrededor del mundo. Para tanto, Don Helder discurre sobre los diferentes conceptos y aplicaciones de la violencia. Analizó como estas situaciones fueron puestas en sistemas políticos y económicos antagónicos, como el capitalismo y el comunismo. Trató también de presentar las consecuencias de la violencia en el interior de cada modelo social sugiriendo alternativas para la solución de esas cuestiones.*

Palabras- clave: *Violencia – Derechos Humanos - Brasil*

Apresentação:

DOM HELDER CÂMARA: UMA VOZ A CLAMAR NO DESERTO

Giordano A. Toniolo Torres*

Impossível não refletirmos profundamente a respeito das injustiças que diariamente assolam o mundo, a cada contato nosso com as palavras do saudoso Dom Helder Câmara. O sentimento que surge em nosso âmago, gerado por esta aproximação, é justamente uma inquietante vontade de lutar por um mundo melhor. Um desejo de concretizar a “revolução cultural” que, segundo o próprio Dom Helder, aponta para os caminhos da libertação humana. Dom Helder tem a capacidade de despertar-nos para que tomemos parte na promoção da justiça, promoção esta que deve ser empregada nos diferentes cotidianos. Para tanto, necessitamos compreender o sentido de justiça em sua concepção mais íntegra e libertadora. Dom Helder incita-nos ao posicionamento firme, substancial e, acima de tudo, humano, frente às questões mais complexas do nosso mundo.

A escolha do título desta apresentação é proposital e significativa em se tratando de Dom Helder Câmara. Assim como o personagem bíblico, o profeta João Batista, que clamava no deserto a mensagem do arrependimento, Dom Helder Câmara propagou pelos quatro cantos do mundo a bandeira da justiça, do amor e da esperança. Denunciou as desigualdades, as violências cometidas em nome da segurança nacional, em nome da pátria, em nome do acúmulo de capital e do lucro a qualquer custo. Condenou a reificação imposta aos homens e mulheres pelo sistema capitalista, no qual as pessoas são tidas como simples objetos descartáveis, passíveis de serem vendidas e compradas. Cerceou o fetichismo presente no exacerbado consumo materialista que, a golpes fatais, destrói e desgasta o nosso planeta.

Para aqueles que não tiveram o privilégio de desfrutar de sua companhia, ou a oportunidade de ouvir algum dos seus inúmeros e eloqüentes discursos, nós, de **VEREDAS DO DIREITO**, lançamo-nos na hercúlea tarefa de apresentar tão ilustre pensador em um espaço diminuto, na tenta-

* Historiador. Secretário de Edição VEREDAS DO DIREITO.

tiva de imprimir, em poucas linhas, o grande impacto causado por sua existência. Resgatamos, aqui, parcelas da sua história, um pouco da sua luta, de suas opções, no intuito de compreendermos a importância deste ser humano, desta pessoa que foi Dom Helder Câmara.

Na primeira década do século XX, em 7 de fevereiro de 1909, nasceu em Fortaleza, Ceará, o pequeno Helder. Oriundo de família simples, filho de mãe professora e pai guarda-livros, teve mais 12 irmãos, dos quais cinco foram ceifados por uma grande epidemia de gripe ocorrida em sua cidade. Com o apoio da família, Helder, aos 14 anos, ingressou no seminário em sua cidade natal, deixando-o apenas quando concluiu seus estudos, com pouco mais de 22 anos de idade. Os seus primeiros passos no sacerdócio foram vividos em Fortaleza, sendo estes dedicados principalmente “à *causa da educação católica; dos círculos operários, com atuação especial junto aos jovens e domésticas*” (BARROS; OLIVEIRA: 15).

Nascia assim o religioso Helder, conhecido também como Padre Helder, aquele que foi um dos expoentes mais promissores da igreja católica do século XX. Comprometido e engajado com os ideais de justiça e fraternidade, levou até as últimas conseqüências as suas crenças no sentido de construção de um mundo melhor.

Figura de extrema simplicidade e simpatia, como podemos observar em suas diversas biografias, Dom Helder Câmara tinha a humildade de reconhecer suas limitações e seus erros, que, por sinal, “*o ajudaram a ampliar sua visão do mundo a até a aprofundar-lhe o amor ao próximo, no sentido de dar-lhe uma grande, uma enorme compreensão quanto aos que estão num caminho diferente do seu*” (CASTRO: 55).

No que diz respeito aos equívocos cometidos ao longo da sua vida, destacamos, aqui, talvez um dos mais significativos vivenciados por Dom Helder, segundo a sua própria análise (CASTRO: 79). Logo após a conclusão de seus estudos sacerdotais, o jovem padre Helder, imbuído do sentimento dualista, no que diz respeito a uma análise superficial e até ingênua da dicotomia existente entre capitalismo e socialismo, acaba por aderir ao movimento integralista de Plínio Salgado, criador da Ação Integralista Brasileira (AIB)¹. O ingresso do Padre Helder no movimento integralista deu-se logo após a sua saída do seminário, em 1931, e a sua participação neste se estendeu até 1936. Militante fervoroso do integralismo, Dom Helder par-

¹ O integralismo foi à versão tupiniquim dos movimentos totalitários de extrema direita embasados na ideologia do fascismo europeu. Vigorou fortemente no Brasil durante as três primeiras décadas do século XX.

ticipou de diversas atividades políticas defendendo a ideologia contida por detrás do *Sigma*². No entanto, com o passar do tempo, com o amadurecimento pessoal, estas idéias começaram a ser postas de lado, foram perdendo espaço até serem extirpadas da vida de Dom Helder por completo. O período vivenciado no movimento integralista deixou-lhe seqüelas. Seqüelas que por algum tempo o acompanharam e acabaram por interferir em fatos de sua história pessoal³.

Depois de superado o período de vivência integralista, Dom Helder Câmara, que já residia na Capital Federal, a então cidade do Rio de Janeiro, desde o ano de 1936, envolveu-se com inúmeras outras questões de grande importância, como, por exemplo, ser empossado assistente-técnico de Educação na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Durante os anos que se seguiram, foi figura constante nas questões de políticas educacionais, sendo estas laicas ou religiosas. Foi nomeado por Dom Leme⁴ para assumir a função de diretor-técnico do ensino da Religião na arquidiocese. Sua alçada era cuidar da implantação do ensino religioso nas escolas públicas do Distrito Federal. Dom Helder também teve passagem pelo Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), executando as gerências cabíveis ao cargo de chefe da seção de ensino de Medidas e Programas. Suas passagens pelos meandros educacionais findam-se em 1946 com o seu desligamento do Ministério da Educação. Com isso, teve a oportunidade de dedicar-se com mais afinco às questões religiosas. Foi justamente nesse período que deu início à corrida pela criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que teria o objetivo de auxiliar as imensas demandas que eram postas aos poucos Bispos existentes no país.

Outra faceta interessante da vida de Dom Helder remete-nos a 1955 e ao seu despertar mais substancial para a luta em defesa dos pobres. É justamente neste período que o “bispo das favelas”, como foi chamado, passou a problematizar a realidade das favelas da cidade do Rio de Janeiro. Através de suas críticas, uma nova abordagem foi possível, isto porque as favelas passavam a ser vistas como uma chaga social, fruto da desigualdade econômica e do desinteresse político. A sua análise possibilitou a

² O Sigma, décima oitava letra do alfabeto grego, foi o símbolo utilizado pelo movimento integralista, colocado em brácteas que eram vestidas pelos adeptos do movimento.

³ No ano de 1946, foi negada a Dom Helder Câmara sua nomeação para o cargo de bispo auxiliar da cidade do Rio de Janeiro, devido à informação dada a Roma de que o Rio de Janeiro jamais perdoaria o então Cardeal Dom Jaime caso este efetivasse a indicação de um integralista para o cargo de bispo auxiliar. (CASTRO: 79).

⁴ Arcebispo da cidade do Rio de Janeiro até o seu falecimento em 1942.

humanização do morador da favela, que deixou de ser o “malandro” para se tornar o “pai de família” que vive em situação precária e adversa, na luta constante pela dignidade de vida. Neste mesmo período, esteve envolvido nas primeiras experiências de luta pela causa da habitação popular no Brasil, projeto que foi chamado de Cruzada São Sebastião. Além disso, foi pioneiro na proposta de criação e implementação do primeiro banco popular brasileiro, o Banco da Providência.⁵

Dom Helder Câmara também:

Em 1956, articulou o movimento dos Bispos do Nordeste, que levou Juscelino a criar a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Juntamente com D. Eugênio Sales e D. José Távora conseguiu que Jânio Quadros criasse o Movimento de Educação de Base (MEB), o primeiro movimento de alfabetização e educação popular em nível nacional, através do rádio. Apoiou decisivamente, secundado por D. Eugênio Sales e D. Fernando Gomes, junto ao Governo João Goulart, a criação dos Sindicatos Rurais e da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG. (BARROS; OLIVEIRA: 16)

Após o seu período de vivência na cidade do Rio de Janeiro, que perdurou 28 anos, Dom Helder Câmara retorna para o Nordeste com o objetivo de assumir o arcebispado do Maranhão. No entanto, com o falecimento de Dom Carlos Coelho, então arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara foi redirecionado a fim de assumir este posto. Sua posse deu-se no dia 15 de abril de 1964, ou seja, poucos dias após a implantação da ditadura militar brasileira, em 1º de abril do mesmo ano. Começou assim uma nova etapa na vida de Dom Helder Câmara, talvez a mais turbulenta, profunda e marcante vivida por ele. Foram dias de lágrimas, dias sem muito brilho exterior, dias cinzentos, resultado do próprio ambiente, regido ferreamente pelos então generais presidentes.

Percebemos, através das próprias palavras de Dom Helder, o clima de acusações e perseguições vividas por ele durante a ditadura militar: “... *quando dou pão aos pobres, chamam-me de santo, quando pergunto pelas causas da pobreza, me chamam de comunista.*” (ROCHA: 2000).

Encontrou-se envolto no turbilhão de todos aqueles acontecimen-

⁵ Discussão que pode ser vista de maneira pormenorizada em BARROS; OLIVEIRA: 2000.

tos e, uma vez metido neste contexto, gerou enorme descontentamento no regime militar, justamente por posicionar-se em solidariedade aos oprimidos, aos pobres, aos perseguidos. As suas críticas, cada vez mais profundas, denunciavam as mazelas estruturais da sociedade criadoras dos bolsões de miséria e de exclusão. A consequência das denúncias de Dom Helder foi o crescente desconforto nas classes sociais que historicamente detêm o poder. Estas classes, dispostas a sustentar a manutenção do controle social, político e econômico a qualquer custo, lançaram-se ferozmente contra Dom Helder.

Extremamente combativo quanto às diversas formas de injustiças cada vez mais presentes durante a ditadura, Dom Helder foi atingido duramente pelo regime. Mesmo que não violassem diretamente a sua integridade física, os militares despecharam seu ódio em pessoas próximas a Dom Helder, pessoas como Padre Henrique, que, em 1969, foi brutalmente torturado e assassinado pela ditadura⁶.

As perseguições “*não cessaram, porém, com a morte de padre Henrique, as violências contra a igreja representada pela Arquidiocese de Olinda e Recife. Houve uma época, o segundo semestre de 1973, em que Dom Helder teve oito de seus colaboradores ‘mais diretos e mais diletos’ seqüestrados e torturados*” (CASTRO: 153).

Um outro exemplo de perseguição às pessoas que estavam próximas a Dom Helder foi a prisão e tortura, em 1977, do padre Lourenço e do missionário Tomás Capuano⁷.

Diversas acusações foram feitas contra Dom Helder, oriundas de diferentes fontes, laicas e eclesiais. Acusado de estar ligado às idéias comunistas, de se passar por falso pregador da paz e de querer a revolução vermelha e a implantação do caos, Dom Helder também foi impedido de se defender. Não poderia se expressar através dos meios de comunicação, uma vez instalados os aparatos de censura. A escalada para censurar Dom Helder foi vertiginosa, culminando na proibição total de qualquer menção, positiva ou negativa, em relação a sua pessoa⁸.

⁶ Padre Henrique desenvolvia um trabalho junto à juventude e colaborava com a arquidiocese coordenada por Dom Helder. Foi barbaramente torturado e assassinado. Na data do seu assassinato, o Marechal Costa e Silva ocupava o cargo de presidente da República. Foi justamente em seu governo que houve a outorga do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Período de embrutecimento do regime, que foi seqüenciado por seu sucessor General Emílio Garrastazu Médici.

⁷ Ambos religiosos estadunidenses, eles foram presos e torturados pela polícia por estarem ligados a Dom Helder e por desenvolverem trabalhos com a população moradora de rua da cidade. O incidente com os religiosos estrangeiros em Recife foi mais uma das diversas agressões aplicadas pela ditadura a estrangeiros que desenvolviam no país ações de cunho social.

⁸ Proibição imposta pelo governo em 9 de novembro de 1970.

Cerceadas as possibilidades de comunicação de massa no Brasil, o caminho trilhado pelo incansável Dom Helder foi a denúncia em âmbito internacional. Denúncias que abordavam, entre muitas coisas, as atrocidades cometidas no Brasil pelos militares que tomaram o poder a partir do golpe de 1964. Convites para presidir palestras, seminários e outros eventos no exterior possibilitaram a continuação do seu trabalho, agora com a oportunidade de ter a sua voz reverberada mundialmente.

Foi justamente em uma destas oportunidades de se expressar no exterior, aos 26 de maio de 1970, que Dom Helder realizou talvez um dos seus mais eloqüentes discursos. No Palácio dos Esportes, em Paris, discursou para uma multidão de quase 20 mil pessoas. Expôs para o mundo, abertamente, as atrocidades do circo de horrores que acontecia no Brasil daquela época, como política de Estado, como política pública de aniquilamento. Denunciou a brutalidade da ditadura, que solapava cruelmente qualquer posicionamento diferente do *status quo* implantado por ela. Denunciou a tortura e a impunidade por detrás do simulacro de legalidade criado pelo regime militar fascista.

Sua luta se estendeu para além da ditadura; seus ideais abrangiam também o chamado período democrático, que teve como ponto de partida a nova Constituição Federal de 1988.

Já próximo do fim de sua vida Dom Helder Câmara continuava com o mesmo fôlego no combate contra as mazelas do mundo. Inconformado com a problemática da fome no mundo e no Brasil, lançou, no final do século XX, campanha para combater a fome e a miséria, chamada de *Ano 2000 Sem Miséria*.

Por sua incansável luta em defesa dos direitos humanos, Dom Helder recebeu prêmios internacionais, como o Prêmio Martinho Lutero King (EUA, 1970) e o Prêmio Popular da Paz (Noruega, 1974). No ano de 1970, foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz; no entanto, teve retirado o seu nome da lista, devido à articulação da ditadura em divulgar informações acusando-o de estar associado a grupos comunistas existentes no Brasil.

Recebeu vários títulos de *Doctor Honoris Causa* (32) em diversas universidades estrangeiras, além de centenas de condecorações, como placas, certificados, comendas, etc. Publicou livros que foram traduzidos em mais de dez idiomas.

A voz que clamava no deserto silenciou-se no dia 27 agosto de 1999. Dom Helder Câmara faleceu aos 90 anos de idade, na cidade de Recife. No entanto o legado de suas crenças, vivenciadas e expressas pro-

fundamente através do seu humanismo cristão, permanecem candentes em nossas vidas. A sua história ajuda-nos a trilhar o caminho da integridade. Ao voltarmos nossos olhos sobre Dom Helder, acreditamos que lhe caiba as mesmas palavras pronunciadas pelo apóstolo Paulo, já próximo do fim de sua vida: “*Combati o bom combate, completei a carreira e guardei a fé*”⁹. Próximo ao ano do seu centenário, temos a oportunidade de refletir sobre os seus anseios e, sobretudo, refletir sobre o ideal de justiça apontado por ele. Podemos, a partir do seu exemplo de vida, problematizar as realidades que nos são postas, avançando os nossos comportamentos e escolhas de modo a migrarmos da simples apatia expectadora para a militância incansável. Militância típica daqueles que insistem em assumir o papel de agentes históricos, capazes de construir novas realidades. Caberá a nós, neste tempo de inúmeras injustiças vivenciadas e presenciadas costumeiramente em nossos cotidianos, a missão de lutar o bom combate!

Justamente neste ensejo, temos o prazer de brindá-los com a reflexão de Dom Helder Câmara. Reflexão esta que nos traz lampejos da extensão do espírito crítico deste guerreiro. Parte desta história está registrada aqui, em VEREDAS DO DIREITO, através da palestra proferida pelo então Arcebispo de Olinda e Recife, no ano de 1968, na cidade de Paris. Nela, ele aborda a problemática dos diferentes tipos de personificação da violência vivenciada nas diferentes realidades mundiais daquele período. No entanto percebemos, no decorrer de suas palavras, que parte destas denúncias permanecem estruturalmente arraigadas nas sociedades dos dias presentes.

A publicação desta palestra foi possível justamente pela disposição e boa vontade do Centro de Documentação Helder Câmara – CEDOHC, situado na cidade do Recife, que prontamente nos cedeu cópia dos seus documentos para a publicação em VEREDAS DO DIREITO. Aproveitamos a oportunidade para agradecê-los por contribuírem grandemente na viabilização deste importante projeto perene que é a divulgação das idéias de Dom Helder Câmara, que *passou por este mundo fazendo o bem*.

Aproveitem o texto no dia-a-dia, boa leitura!

⁹ Palavras do apóstolo Paulo registradas na II Carta a Timóteo, capítulo 4, verso 7.

VIOLÊNCIA: ÚNICA OPÇÃO? UM BISPO BRASILEIRO SE INTERROGA

Palestra proferida por Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, em Paris no dia 25/04/1968.

I – Violência falar sobre violência

Quando falar é sinônimo de tentativa de ver claro e de exprimir com sinceridade todo o pensamento, é violência falar sobre violência. Violência, não pelas conseqüências que possam advir da parte de poderosos que se julgaram feridos: quem fala pela necessidade de se depor, de trazer testemunho, de servir de sinal, aceita de antemão quaisquer conseqüências. Violência, pela dificuldade de ver claro e de exprimir, com segurança e fidelidade, o próprio pensamento. A violência de visão. A violência tende a controlar os veículos de comunicação social, o que torna difícil o acesso a dados objetivos e imparciais.

Medindo a responsabilidade de falar em Paris – sem dúvida, uma das maiores caixas de ressonância da opinião pública mundial – impondo-me a violência de tentar enxergar em domínio tão escuro e de tentar ser objetivo em assunto tão explosivo e radical. Anima-me a esperança de ajudar, mesmo de maneira precária e limitada, à causa da justiça e da paz.

II – Pensando alto a propósito da violência

1. Tentativa de definições

Para que possamos dialogar, permitam-me que vos diga o que entendo por violência e qual o alcance exato do título de minha palestra: única opção, para que e para quem?

Violência é emprego de força. Claro que da parte de alguém. Indivíduo ou grupo. Para dominar ou para defender-se.

Quando indago se a violência é a única opção, estou pensando em opção de quem e contra quem.

Penso, de início, na violência do sistema capitalista, violência que urge em denunciar com clareza, com pormenores, pois ela costuma vestir-

se de liberdade, de ajuda ou defesa do mundo livre. Violência do sistema capitalista em países subdesenvolvidos (tanto da parte de elementos locais, como de elementos estrangeiros) e violência do sistema capitalista em áreas subdesenvolvidas dos países desenvolvidos.

A seguir, recordaremos, juntos, violências do sistema socialista: para a tomada do poder, para a arrancada desenvolvimentista, para a defesa em face do sistema capitalista, para permanentes autodepurações.

Estaremos, então, em condições de perguntar se há possibilidades efetivas para a não-violência em âmbito nacional e em âmbito internacional.

2. Violência do sistema capitalista

- a) Violência vestida de liberdade e ajuda.
- b) No mundo subdesenvolvido.

Da parte de elementos sociais

O sistema capitalista, quando se compara ao socialista, se descreve a si mesmo como reino de livre iniciativa, da garantia da liberdade, da oportunidade para todos.

Vejamos a que se reduz esta bela propaganda quando se confronta com a vida cotidiana e real do mundo subdesenvolvido. E comecemos por descrever o colonialismo interno mantido nos países subdesenvolvidos pelo pequeno número de privilegiados desses próprios países, cuja riqueza de baseia sobre a miséria de milhões de conterrâneos que vegetam em situação infra-humana.

A aparência é de regime patriarcal. Um dono de terras vastíssimas permite que famílias pobres residam em seus domínios. Note-se que somente uma percentagem mínima das terras é trabalhada: todo o resto permanece improdutivo e inútil, aguardando valorização.

As famílias pobres, mesmo que tivessem recursos, não teriam permissão de construir casa de verdade, porque estas criariam direitos. Encontram ou podem construir casebres, sem água, sem luz, sem esgoto. Devem trabalhar nas terras do proprietário, que lhes paga o que quer e como quer, inclusive através de um barracão¹⁰, cujos preços devoram o pouco que aos moradores caberia receber.

E aí do morador que pretender qualquer melhoria: se participar de

¹⁰ Faz referência ao “sistema de barracão”, onde o trabalhador é obrigado a comprar do próprio patrão, no local de trabalho, os ingredientes básicos de subsistência a preços exorbitantes.

um movimento de educação de base ou participar de uma cooperativa ou de um sindicato, recebe ordem do proprietário para abandonar suas terras. Se pretender resistir, a casa é derrubada. Se pretender ficar de qualquer maneira ou reclamar perante o juiz, prepare-se para agressões físicas ou até assassinato.

Se for agredido ou mesmo assassinado, a família não terá sequer o direito de ver o crime punido, porque os poderosos, em áreas subdesenvolvidas, direta ou indiretamente, controlam jurados, e absolvem ou condenam ao bel-prazer.

É ou não, estado de violência? Onde estão os direitos fundamentais do homem? Acesso à terra, direito ao trabalho, direito à educação de base, direito de livre iniciativa, direito à alimentação, direito à vida: tudo pisado, ludibriado, levado ao escárnio.

Da parte de elementos estrangeiros

Hoje, depois de duas vezes se ter reunido a Assembléia das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento, em Genebra e em Nova Delhi, já sabe de sobra que a relação entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos está mal colocada. O problema não é de ajuda financeira ou técnica. O problema é de justiça.

Quando se compara, por exemplo, o que a América Latina recebe de ajuda dos USA com o que ela perde em consequência de deterioração dos preços de suas matérias-primas; quando se compara o montante de investimento do USA na América Latina com o dinheiro que volta à América do Norte, chega-se ao absurdo de constatar que são os subdesenvolvidos países latino-americanos que estão ajudando a superpotência capitalista.

Mesmo assim, como há aparência de ajudas, há preço a pagar: a América Latina deve convencer-se de que é área de influência dos USA; deve comportar-se bem, para não causar sobressaltos a Mãe-Colônia. Se os países latino-americanos forem bons meninos, ganharão os chocolates da Aliança para o Progresso. Caso se metam a armar confusão, perguntem a Cuba e São Domingos o que acontece.

Ajuda fraterna e desinteressada ou neocolonialismo? E ainda há pressões que são violências camufladas. Teoricamente, as ajudas da Aliança para o Progresso supõem que os países assistidos realizem, antes, as reformas de base. Na hora em que se pensa em concretizar mudanças profundas e práticas, os poderosos locais gritam que se trata de subversão e comunismo. Ora, não raro há governos latino-americanos mais norte-ame-

ricanos que os USA: com receio de perder os dólares largamente anunciados e parcamente entregues, há governos que se contentam em promulgar leis de reformas de base e em criar vários órgãos para aplicá-las deixando tudo, no entanto, cuidadosamente no papel.

Outras violências do sistema capitalista? As impertinências do Fundo Monetário Internacional, que levam a esmagar o povo de arrocho, a pretexto de combater a inflação; o avanço antipsicológico dos *trusts* internacionais, que devoram toda e qualquer indústria local de futuro; o sopro militarista, alimentado pela remessa à América Latina do armamento que se torna obsoleto nos USA.

No mundo desenvolvido

O peso do sistema capitalista, a violência que ele, na prática, estabelece é mais visível nos países subdesenvolvidos, mas existe, também, e bastante claro, em áreas subdesenvolvidas dos países desenvolvidos.

Exemplo típico ocorre com os USA. O governo norte-americano anunciou, oficialmente, a existência, dentro dos USA, de 30 milhões de americanos em situação indigna da condição humana. E foi declarada uma guerra interna contra a miséria, guerra que deu em nada porque as atenções e os dólares tiveram de ser totalmente desviados para a guerra vergonhosa do Vietnã.

Prova de que a miséria existe – falta de conforto material, agravada por humilhações nascidas de preconceito racial – é a luta dos negros. Luta profundamente evangélica e com raízes no âmago da constituição e da história dos USA. Luta que pretendia ser não violenta e foi forçada a tornar-se sempre mais violenta.

Prevêm-se fatos dolorosos, na presente primavera e no próximo verão, em embates entre pretos e brancos, sobretudo após o holocausto de Martinho Lutero King.

Mas onde o sistema capitalista deixa de criar áreas subdesenvolvidas, mesmo nos países mais desenvolvidos? Onde deixar de fabricar pobres? Onde deixar de exercer violência?

Violência vestida de defesa do mundo livre

Aludimos ao Vietnã. Eis um caso típico de violência do sistema capitalista, vestido de defesa do mundo livre.

De saída, como chamar o mundo subdesenvolvido de mundo livre, quando, como vimos, ali a situação é de desrespeito aos direitos fundamen-

tais do homem, a situação é de violência, vestida de liberdade e ajuda?

Defesa do mundo livre, não. Esmagamento de um povo e de seus mais profundos interesses, em defesa do prestígio político e da área de influência de uma superpotência, sobre o pretexto hipócrita de defesa do mundo livre.

Nenhum país subdesenvolvido está livre de ser escolhido como campo de guerra em que, aparentemente, ideologias, de fato impérios econômicos, se entrechoquem.

Quem não tem nos olhos o horror dos quadros de bombardeios com bombas incendiárias? Não se sabe de quem ter mais pena: se dos jovens obrigados a agredir um povo cujo crime consiste em escolher, em querer seguir o próprio caminho e viver em paz, ou das quase-crianças, obrigadas a repelir violência com violência agredindo e matando.

Quem não sabe que a ajuda efetiva poderia significar para o desenvolvimento do terceiro mundo o montante das despesas com um ano de guerra, a dois bilhões de dólares de gastos por mês?

Eis os frutos podres de um sistema que considera o lucro como motor essencial do progresso econômico; a concorrência como lei suprema da economia; a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto, sem limites, nem obrigações sociais correspondentes.

3. Violência do sistema socialista.

Também o sistema socialista se descreve de maneira comovedora: é um humanismo e até praticamente o único humanismo científico. Os valores em que se baseia são, entre outros: o da paz entre os povos, o da solidariedade e da fraternidade entre os homens, isto é, que os homens não se matem entre si, não se explorem e, portanto, o valor do fim da exploração capitalista; valor da emancipação do trabalho e, conseqüentemente, a constituição de uma sociedade de homens verdadeiramente livres, verdadeiramente iguais.

Na prática, no entanto, a diferença, até hoje, é grande. Há, de saída, problemas de violência ligados à tomada do poder. Há, a seguir, violência para obter a acumulação indispensável à arrancada industrial; violências comparáveis às deflagradas, nos sistemas capitalistas, para a implantação da indústria. E há violências para que o sistema se arranque da engrenagem capitalista e dela se defenda. E violências periódicas – as mais lamentáveis, talvez – decorrentes de intermináveis depurações dentro do próprio regime socialista.

Erguendo-se contra os dogmas, o marxismo, durante algumas décadas, se transformou em dogma intolerante. Ia passando em julgado que religião era essencial e irremediavelmente fator altamente alienante, como no tempo de Marx.

Chegará o dia em que o marxismo, na intenção e na prática, será aberto e compreensivo, capaz de rever as próprias teses de Marx e dialogar com a filosofia, com a arte e com a religião? Chegará o dia em que Moscou vai admitir, de verdade, a pluralidade no socialismo, e alegrar-se ao ver cair a Cortina de Ferro e o Muro da Vergonha, alegrar-se de ver os antigos satélites, com fisionomia e alma próprias, abrindo os próprios caminhos e realizando as próprias opções? Chegará o dia em que URSS e China Vermelha vão poder caminhar juntas? Chegará o dia em que, em Assembléia com a UNCTAD¹¹, o socialismo vai deixar o capitalismo isolado em seu egoísmo e vai dar exemplo de tratar o terceiro mundo para além de atitudes neocolonialistas, em ética de autêntica solidariedade universal?

4. Possibilidades efetivas da não-violência.

Sem querer incidir em lirismos ingênuos, quais são as possibilidades efetivas da não-violência:

- dentro de países subdesenvolvidos;
- dentro de áreas subdesenvolvidas de países desenvolvidos;
- no confronto entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido?

Convém insistir que é generalizada a situação de violência no mundo:

- violência do sistema socialista, que o anticomunismo não se cansa de alardear, recordando inclusive aspectos anti-religiosos e anti-humanos pela enumeração de templos destruídos, sacerdotes e freiras deportados ou eliminados, escritores e artistas perseguidos...

- violência do sistema capitalista.

Quando são mantidas em situação infra-humana as massas do terceiro mundo, podemos ou não falar em ultrajes à pessoa humana e em destruição de templos vivos do Deus vivo?

Quanto às áreas subdesenvolvidas dos países desenvolvidos, quando serão concretizadas as guerras contra a miséria que os USA imaginaram?

¹¹ Sigla em inglês para Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento. É o órgão do sistema das Nações Unidas que discute a problemática do comércio mundial. Fornece o auxílio técnico para os países em desenvolvimento objetivando a melhor integração dos mesmos no sistema internacional de comércio. Foi estabelecido a partir do ano de 1964.

- violência, em plano internacional, por parte dos USA e da URSS, contra direitos fundamentais das massas do mundo subdesenvolvido.

Será que a violência é a resposta adequada, tanto em plano nacional como no internacional?

Antes de tentar resposta a esta pergunta candente, seja-me permitido bem lembrar o que respondi a uma revista norte-americana que indagava das razões do culto crescente a Che Guevara na América Latina. Não vacilei em responder que este culto é alimentado: pelos governos latino-americanos, que adiam, indefinidamente, a concretização das reformas de base; pela guerra do Vietnã, que importa em esmagamento de todo um povo, sob pretexto de defesa do mundo livre e a serviço do prestígio político de uma superpotência; e ainda pelo egoísmo das superpotências, inclusive a URSS, diante de Assembléias como a recentemente realizada pela UNCTAD em Nova Delhi.

Tenho absoluto respeito pelos que se julgam em consciência obrigados a participar da violência libertadora contra a violência opressora. Pessoalmente, teimo em conseguir um caminho de não-violência. Se é verdade que está provado que as guerrilhas, quando contam com a simpatia do povo, não são vencíveis nem pelos exércitos habilitados a super-matar, é verdade, também, que qualquer luta de proporções, em qualquer parte do mundo, transforma-se, imediatamente, entre choque das superpotências, com horrores indescritíveis para a população local.

III – Apelo a Paris.

Como sair deste impasse: violência generalizada, praticamente exigindo violência como resposta; mas também, evidência de que choque de proporções, em qualquer canto do mundo, se transforma em guerra-não-declarada, mas de dimensões de guerra mundial, pois lutam os grandes por detrás dos pequenos.

Impasse não menor: a revolução de que o mundo precisa supõe mudança radical das estruturas econômicas e políticas, mas não haverá revolução estrutural sem revolução cultural.

Eis tua chance, Paris. A juventude do mundo acorre a ti.

Convence a juventude dos países desenvolvidos, de linha capitalista, que o trabalho a ser empreendido por ela não é ir levar uma ajuda meio-assistencialista e meio-promocional, meio-empírica e meio-técnica, aos países subdesenvolvidos. A grande missão que lhes cabe é ir conscientizar seu próprio pai; ir levá-lo à convicção de que o sistema capitalista carrega

contradições internas das quais não se livrarão pelo simples processo da evolução nem através de reformas graduais. Evolução cultural indispensável à mudança radical das estruturas econômicas e políticas de seus respectivos países.

Eis a tua chance, Paris. Convince a juventude dos países desenvolvidos, de linha socialista, que o trabalho a ser empreendido por ela não é no mundo subdesenvolvido, nem nos países capitalistas. Cabe-lhes conscientizar seu próprio país para a responsabilidade tremenda que o socialismo tem nas mãos. É indispensável que ele ultrapasse, sem demora, a fase ingrata de dogmatismo; pense e aja como Marx pensaria e agiria, hoje, com os dados de hoje e a previsão dos dados de amanhã, ao invés de amarrear-se ao que Marx pensou e a maneira como agiu. É urgente que, na teoria e na prática, abra-se ao pluralismo, ao diálogo, à invenção criadora. É de maior alcance, sobretudo, que se encontre com o Cristianismo autêntico, tal como emerge do Vaticano II.

Na hora que o socialismo encontrar uma religião encarnada ao invés de uma religião alienada e alienante; na hora em que perceber o Cristianismo exigindo do homem que assuma a missão de dominar a natureza e completar a criação, a missão de agente da história e condutor da aventura humana; na hora em que vir o Cristianismo cair da graça dos governos e poderosos para enfrentar a injustiças e bater-se pela promoção humana, em total superação da linha assistencialista, o socialismo sentirá – como já está sentindo – necessidade de rever seu conceito ou preconceito anti-religião, anticristão e chagará, quem sabe, a hora de medir o que significará para a sua própria mística enriquecê-la com os valores surpreendentes da mensagem cristã.

Pergunto, então: Violência, única opção? Não adianta e não adiantará violência pela violência.

A revolução de que o mundo precisa, revolução capaz de assegurar desenvolvimento do homem todo e de todos os homens, de cada povo e de todos os povos, supõe revolução cultural.

Já pensaste, Paris, no que representará para o próximo milênio o rejuvenescimento do pensamento humano pela revolução cultural decorrente do encontro entre Cristianismo e Marxismo?

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS
DO TEXTO DE APRESENTAÇÃO:

BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de. (Org). *Dom Helder: O artesão da Paz*. Brasília: Senado Federal, 2000.

CASTRO, Marcos de. *Dom Helder – misticismo e santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ROCHA, Zildo. *Hélder, o Dom*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

<http://www.pernambucodeaz.com.br/dh/1968.htm> acessado em 1º de setembro de 2008.

<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=301&textCode=939&date=currentDate> acessado em 10 de setembro de 2008.